

*Coleção*  
**Filantropia Baixadeira: contos e causos!**



*Ser Comunidade!*

## Equipe Executiva

### Gerência Administrativa

Ivan Campos  
Vânia Monteles

### Gerência de Relações Institucionais

Diane Pereira Sousa  
Bruna Cantanhêde

### Gerência de Mobilização de

#### Recursos

Kleilson Nunes  
Luciene Pereira

### Gerência de Programas e Projetos

Wesley Amorim

### Gerência de Território

Denilson Pereira

### Amigos do Baixada

Daniel Batista, Samara Volpony e  
Tália Fernanda

## Coleção Filantropia Baixadeira: contos e causas!

### Produção

Instituto Comunitário Baixada  
Maranhense

### Apoio

Instituto Antonio Carlos Pilonzi

### Edição Ser Comunidade

#### Texto

Diane Pereira Sousa

#### Revisão

Camila Cutrim

#### Apresentação

Regina Cabral

#### Ilustração

Raquel Aguiar Paula Costa

#### Finalização

Kleilson Nunes

#### Colaboradores

Ivan Campos, Kleilson Nunes,  
Denilson Pereira, Samara Volpony,  
Daniel Ferreira, Wesley Amorim, Tália  
Fernanda e Luciene Pereira

## **O que é filantropia em comunidades rurais?**

Ouvir o diálogo de Manduco e Batata é muito ilustrativo do que precisamos compreender sobre esse grande país chamado Brasil, sobre esse conceito que cascadeia pelo mundo chamado filantropia.

“- Tu tá entendendo, Manduko?”

“- Eu tô pensando, Batata.”

Pensar é um passo importante. Mas decifrar o pensamento, junto com quem começa cedo na labuta é necessário.

Aliás, a filantropia comunitária, diferente do entendimento que durante séculos fez parte do conceito filantropia, não está associada à ideia de caridade. Mas de pensar e construir juntos alternativas.

Alternativas de o que fazer com alternativas sobre como pagar o feito.

E aí vem o ponto importante. O dinheiro que paga não precisa somente vir de fora, mas pode ser buscado dentro das próprias comunidades. Afinal, em todo lugar há abundâncias. Vamos desvelar-lá mesmo onde somente a escassez teima a aparecer.

Mas como dialogar com as pessoas com menos recursos financeiros sobre o fato de que elas também podem contribuir, serem filantropos? É possível ser feito de diferentes formas.

Existem muitos bens que podem ser monetizados: o saber, a ação, o quintal, a produção... E existem os grãos de areia que se transformam em dunas; as gotas d'água que se transformam em lagoas. As comunidades deste imenso território sempre produziram desenvolvimento econômico, elas apenas não foram vistas.

A filantropia comunitária considera essas realidades. Não é apenas o recurso de fora que importa, mas o match com o recurso de dentro.

E é com esse entendimento que Manduko e Batata vão contar muitas histórias de comunidades na Baixada Maranhense. Como é a filantropia na comunidade Cocazinho? Em Itamatatuiá? No Parque Agroecológico Buritirana? Em Cajual?

Tá entendendo?  
Não?

Então acompanhe nossa coleção. Manduko e Batata vão explicar tudinho como se passa. De canoa, a cavalo baixadeiro, de bicicleta, de pau de arara e mesmo a pé, pelas trilhas de chão e de água que levam a muitos cantos deste lindo território que é a Baixada Maranhense.

E por aqui vou ficando, sempre com sonhos e muita esperança.

**Regina Cabral**

Oi, pessoal, eu sou Batata e, junto com Manduko, vamos contar pra vocês  
– que gostam de **filantropia comunitária** – como é ser  
**comunidade no Cocazinho.**



O dia começa às 5hs da manhã. Todo mundo se ajeita para ir trabalhar: cofo, patacho, água, uma percata forte, passos firmes. Lá se vai o pessoal pra roça...

O escritório aqui é um pedaço de terra! Para que cada escritório desse funcione é preciso planejamento. Aqui o *brainstorming* é o fundamento do sucesso! Desde sempre, cabeças diferentes se sentam para pensar ideias, criar sentido, construir.

Transformar  
escassez em  
abundância  
podia até ser um  
curso, e as pessoas  
do Cocazinho  
seriam doutoras!

Ninguém sabe fazer melhor.  
Essa palavra é coisa pra subir  
e aqui já estamos todos trepados.

8 horas no escritório produzindo,  
pensando, criando e, ainda assim,  
os gringos brasileiros dizem  
que estamos carentes.

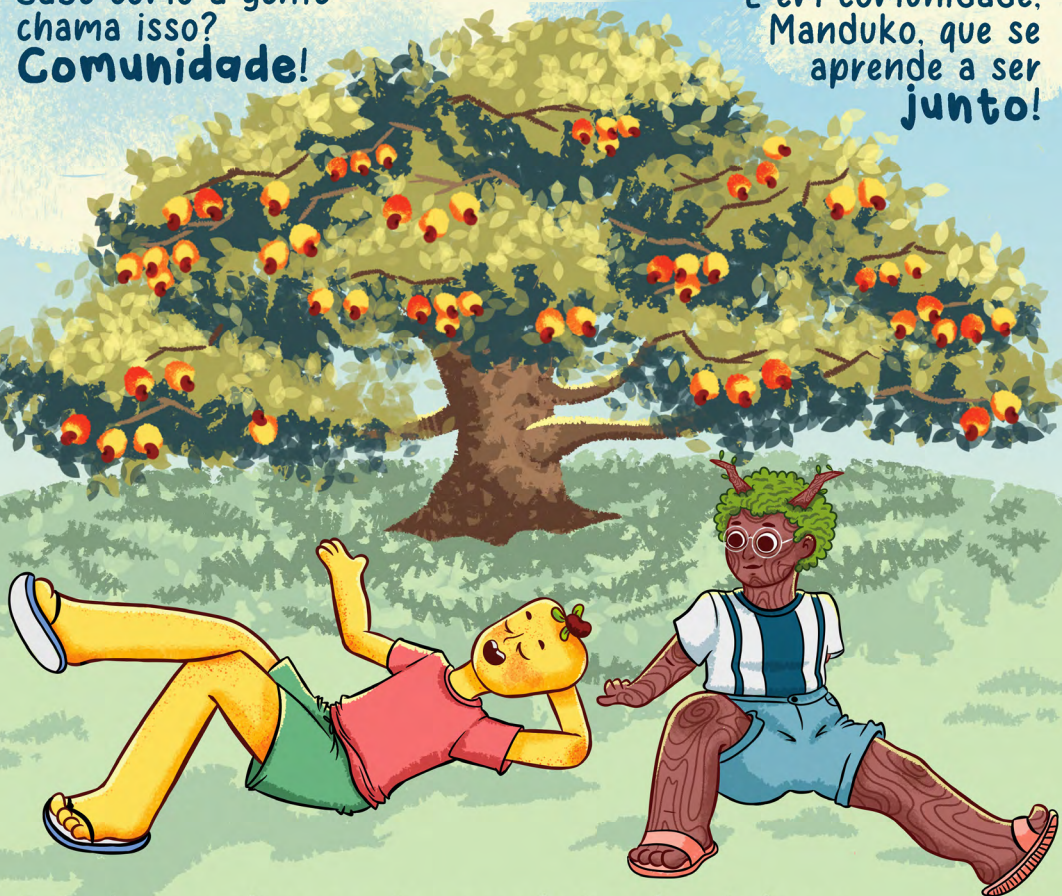
**Não! Não! Não!**



Nossas relações são feitas a partir de terras e pés!  
Parece até um quebra-cabeça: distintos formatos, distintas cores, uma única imagem. Demarcada pelas peças, você vai olhar a imagem completa, mas também vai ver as linhas que compõem o tamanho de cada uma delas. Pegou a referência?

Sabe como a gente chama isso?  
**Comunidade!**

É em comunidade,  
Manduko, que se aprende a ser  
**junto!**



Quando tem alguma criança embaixo do pé de um caju estudando, ela está sendo guardada e cuidada por todo mundo que tá em volta. A gente aqui é educado para respeitar o pé do caju igual a gente respeita a casa.

Por aqui o ano é feito a cada 6 meses. De repente, você está em 2024 e nós ainda em 2023. Cuidado, isso não é atraso, é tempo de produção e colheita.

Em comunidade, nossa prioridade é sempre o bem comum, pelo menos aqui.

-Tu tá entendendo, Manduko?

-Eu tô pensando, Batata.

-Me diz uma coisa: como vocês escolhem o que é prioridade?

-Como assim?

-O que é mais importante?

-É assim: sábado vai ter a tapagem de casa de Catinho.

-É um evento?

**-É mais do que isso, é celebração!**

Todo mundo vai  
tapar a casa dele, cada  
um de nós tem uma função:

Nenezinho e Katese vão  
amassar o barro, Jaila vai  
fazer o arroz, Coquinho vai  
colocar a música e por aí vai...

Comunidade é  
um dos lugares  
mais políticos que  
tem, Batata!

A comunidade nos dá experiência e faz brotar nossa sapiência.  
Aqui tem gente que sabe coisas igual quem tá formado na  
universidade

**Carência aqui,  
Manduko, é saudade do amor.**



Imagina se tivéssemos  
na tal "sociedade do  
conhecimento" com  
legitimidade.


Quem vier pra cá não precisa trazer nada pra criar, pra construir,  
aqui tem é coisa pra fortalecer. A gente já inventou de viver neste  
pedaço de terra, sem as coisas que quem mora na cidade acha  
precioso e indispensável. A gente continua aqui com nossas  
próprias preciosidades. É...a gente já inventou!

Algumas pessoas consideram que a gente aqui na Baixada Maranhense é uma grande roça e a gente é mesmo uma roça, uma roça intelectual; não essa coisa pejorativa, cheia de preconceitos que nos afasta da dignidade, nos coloca como outros, desconhecidos e subalternos. Aqui se produz conhecimento certo, se aplica, se experimenta.



Quer coisa mais inteligente do que pescar um peixinho com garrafa? E eu posso falar sobre muitas outras coisas!

Neste pedaço de chão se aprende a partilhar, priorizar, investir, criar perspectiva. Eu queria que tivéssemos condições materiais para fazer a gente atravessar o rio mais rápido, de forma mais segura e, sobretudo, para que mais gente pudesse fazer a **travessia.**



—Nossa prioridade é sempre se manter em comunidade. Bem viver aqui é um fio que passa pelo quintal de todo mundo! Gostou, Manduko?

—Batata, eu quero sair correndo pro Cocazinho, tô sabendo que vai ter festejo na casa de Katese.

—Bora, a D20 acabou de chegar.

Produção:  Instituto  
**Baixada**

Apoio:  instituto **ACP**